

BEIJOS
DE CHOCOLATE BRANCO

– novela juvenil –

João Paulo Hergesel

BEIJOS
DE CHOCOLATE BRANCO

– novela juvenil –

2.^a edição



Editora Jogo de Palavras

• Alumínio, SP •

2018

Copyright © 2018 by Editora Jogo de Palavras

*Obra selecionada com menção honrosa no
1.º Concurso de Contos Big Time Editora – 2012*

H545b

Hergesel, João Paulo.
Beijos de chocolate branco / João Paulo Hergesel. – 2. ed. –
Alumínio: Jogo de Palavras, 2018. (Coleção Joanelha
Platinada).
60 p. | 14 cm x 21 cm.

ISBN 978-85-66626-71-1

1. Literatura brasileira. 2. Literatura juvenil. 3. Novela juvenil.
I. Título.

CDD: 808.899283 | CDU: 82-93

2.^a edição

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados a:



Editora Jogo de Palavras
Alumínio, SP • 2018
www.jogodepalavras.com

Sumário

Capítulo 1.....	7
Capítulo 2.....	25
Capítulo 3.....	42

Capítulo 1

Tem um ditado que diz que cada um escreve no lugar que bem entender, não tem? Bom, se não tem, acabei de inventá-lo. Não sou o tipo de pessoa que se preocupa em comprar cadernos ou diários para contar histórias, nem que se dá ao trabalho de ligar o computador. Prefiro escrever no pensamento. Deixo que a mente se encarregue de inventar as histórias e quem quiser ler que me leia pelos olhos.

Por que decidi começar a escrever uma história justo agora, enquanto passeio pelo shopping? Simples! Porque é véspera do Dia

dos Namorados, as lojas estão mais lotadas que o metrô das seis e a Fernanda não para de tagarelar. Como ela é minha melhor amiga e não posso mandá-la se calar, finjo que a ouço e me perco na imaginação.

— Olívia...

— Arrã!

— Olívia. Eu tô falando com você!

Fiquei chateada: ela percebeu que eu não estava nem aí para o blá-blá-blá dela. Mas não é culpa minha, essa dispersão. É algo natural que tenho desde criança, ainda mais se a fala alheia só tiver meia dúzia de palavras que valem a pena serem ouvidas. Enfim, o melhor a fazer em situações assim é olhar para ela em silêncio e esperar que ela repita a pergunta. Isso sempre funciona.

— Eu perguntei se você não acha aquele cachecol lindo.

Claro! Tão lindo quanto seu penteado de dona de casa que juntou todas as moedinhas de cinco centavos num cofrinho e decidiu fazer permanente no fim do ano com uma cabeleireira que fez curso por telefone.

— Claro! Tão lindo quanto seu novo penteado.

Capacidade de ser sucinta no diálogo. Penso muito, falo pouco. Na maioria das vezes, isso é bom porque evita ofensas, mas há momentos em que acho que valeria a pena dizer tudo o que me passa pela cabeça. Quem não ficasse magoado com certeza riria e, quem sabe dessa maneira, eu me tornaria popular.

O ponto principal é que sequer vi o cachecol. Era tanta gente passando na frente da vitrina que o único acessório similar que vi foi a manta vermelha que uma madaminha amarrou no pescoço e fez de echarpe.

— Já decidiu o que vai comprar para o Júlio?

Eu estava num lugar tão distante, perdida em minha dimensão pessoal, que havia esquecido completamente que a volta no shopping era para encontrar um presente para o Júlio. Havia esquecido até que estava no shopping.

Ah, só para deixar claro, o Júlio não é meu namorado. Na verdade, nem ficante ele é. É só um amigo que, por ser solteiro como eu, inventou de dar abraços e presentes no Dia dos Namorados para suprir a carência.

Ano passado, ele me deu um travesseiro. Gostei dessa ideia de como comemorar o Dia dos Namorados mesmo não estando comprometido. E este ano, vivendo meu 14.º Doze de Junho, decidi colocá-la em prática.

Pernas, parem!

Tenho mania de elaborar as ordens que envio às partes do corpo. Isso evita que elas tenham vontade própria. É uma mania bem esquisita, eu assumo, mas sou cheia de manias esquisitas: leio dicionários, ouço músicas em espanhol e escrevo no pensamento.

Já estacionada, como se eu fosse um carro — *Ferrari ou Fusca, isso depende de quem me vê* — busquei uma resposta no íntimo do meu hemisfério cerebral esquerdo. Outro pensamento cruzou o caminho: era a primeira vez que usava a palavra *cerebral* para adjetivar

hemisfério. A frase, entretanto, pulou esse obstáculo e conseguiu se soltar da minha boca.

— Não!

Foi uma frase sonoramente vazia, mas cheia de características. Exclamativa, negativa, monossílaba, tônica, curta, grossa, sem verbo, sem sujeito, sem graça. O complemento sairia logo em seguida, de forma interrogativa — *O que você me sugere?* — e como num pedido de ajuda, mas a Nanda fez o favor de me deixar engolir as palavras.

— Por que você não dá um palito de dente? Aí ele sempre se lembrará de você, Olívia.

Uma piadinha infame mais velha do que o próprio Marinheiro Popeye. No fundo, não

posso achar ruim, pois me considero uma garota tão magra que mereço ser apelidada de Olívia Palito, cabo de vassoura ou perna de avestruz. Todas as minhas tentativas de engordar não são bem-sucedidas.

O que mais se vê são garotas da minha idade fazendo dietas e academia, em busca de um suposto corpo perfeito. Até as televisões ficam cada vez mais finas, os monitores mais leves, os cabelos mais lisos. Sou um caso raro: quero ficar como a Lua cheia. Só que meu metabolismo é tão rápido que não consigo acumular gordurinhas. Tenho certa inveja de quem as tem.

Misteriosamente, encontrei um garoto que não se importa em eu ser um pau de vira-tripa e aceitou ser meu melhor amigo. Se bem que o Ju é o tipo de pessoa que não liga tanto

para a aparência externa — o animal de estimação dele é um cão pelado peruano. Se bem que o Ju é o tipo de pessoa que não liga para nada, está sempre no modo *off*. Provavelmente ele também escreva no pensamento, embora ainda não tenha encontrado alguém capaz de lê-lo.

Meu raciocínio é tão veloz e percorre caminhos tão amplos que consigo pensar os mais diversos absurdos antes de chegar à resposta principal para um comentário carinhosamente desconcertante.

— Porque se eu der um palito de dente, ele me retribui com sal. Aí, no Natal, nos presentearmos com paliteiro e saleiro e abrimos um restaurante.

Quando eu dou o troco em sarcasmo, a Nanda fica deslocada, contrai o sorriso e passa a falar sério.

— Tá, agora falando sério, o que você vai comprar pra ele? Daqui a pouco não vai sobrar mais nada nas prateleiras, você sabe.

— O que você me sugere? — finalmente tive a oportunidade de usar a frase que havia ficado entalada.

— Joias, chocolates, bichinhos de pelúcia?

As sugestões não eram válidas. Aquele era o tipo de presente que eu esperava receber. Acho que toda garota sustenta esse desejo de ganhar uma gargantilha, uma caixa de bombons importados ou um urso de pelúcia do seu tamanho. Mantemos um lado

romântico, de paixão à moda antiga. Só as flores que infelizmente já ficaram ultrapassadas.

— Meninos não ligam pra isso, Nanda.

— Que tal bola, carrinho ou jogo de videogame?

—Nanda... Ele tem 15 anos, e não 5.

Vale lembrar que jogo eletrônico não é só para crianças e até seria uma boa pedida, mas, como eu já escrevi e processei mentalmente, o Júlio é o tipo de garoto tão desligado que não tem nem coordenação motora para controlar um videogame.

— Olhe, Olívia, eu não conheço o Júlio tanto quanto você...

Ela quis se fazer de desentendida, mas a verdade era que ela conhecia o Júlio bem melhor do que eu.

— Nanda, você namorou o primo dele por quase dois anos e teve contato direto com o Ju todo esse tempo.

— Mas seu um ano e meio de amizade íntima valem quatro vezes mais do que essa relação familiar que tive com ele. O *negócio* entre mim e o primo dele foi superficial, você sabe.

Vício que a Nanda tem de inserir o *você sabe* na maioria das coisas que diz, como se eu simplesmente soubesse de tudo o que acontece com ela ou fosse uma espécie de diário ambulante. O que mais me aborrece é saber que ela tem razão.

— Tive uma ideia! — berrei, chamando a atenção de, no mínimo, 15 pessoas que passavam por perto. — Depois da minha amizade, do que é que o Júlio mais gosta?

— Do cachorro dele?

— Eu disse *depois* da minha amizade.

Essa era uma triste realidade. Se o infeliz cão sem pelos dele estivesse se afogando do lado esquerdo de um rio, eu estivesse me afogando do lado direito e o Ju estivesse na ponte, ele saltaria para salvar o cachorro. Quer dizer, é bem capaz que ele nem percebesse que estaríamos próximos a morrer e ainda respondesse nossos apelos desesperados de socorro com tchauzinhos.

— Futebo-ol! — falamos juntas, exatamente deste jeitinho, separando a última sílaba em duas partes.

Além do Dia dos Namorados, o mês de junho abrange mais três eventos comemorativos: início do inverno, festa junina e Copa do Mundo. As lojas de roupa duplicam o lucro vendendo blusas de frio a preço de ouro; os supermercados triplicam, com os derivados de milho e amendoim; e as lojas de materiais esportivos quadriplicam, de quatro em quatro anos, com tudo o que é acessório para um bom torcedor/patriota.

A Escanteio S.A., que tem uma representante no shopping, deu sorte: este é ano de Copa do Mundo! Eu também dei sorte porque acharia o presente ideal sem ter que procurar muito. Caso ficasse em dúvida, o

que era de se esperar, a Nanda estaria ao meu lado para me ajudar... ou me confundir ainda mais.

Entramos na loja e nos deparamos com uma prateleira cheia de buzinas, cornetas, confete e serpentina. Estive prestes a dizer que eles estavam tentando despachar o que sobrou do estoque do Carnaval, mas o verde-amarelo em tudo calou mais esse pensamento.

— Ei, Olívia, que tal um canarinho de brinquedo?

— Pra ele assar e comer?

Se ele não comesse, certamente o cachorro comeria.

— E uma chuteira?

— Pra ele me chutar com estilo daqui a um tempo?

Não vou mentir, morro de medo que um dia ele acorde e me tire da vida dele, como se leva o lixo para fora de casa.

— E uma taça em miniatura?

— acredite, ele tomaria refrigerante nela.

Como já previa, estava sendo difícil tomar uma decisão. Talvez porque eu não vejo lógica em um jogo de futebol. São 22 caras e mais um juiz que correm feito bobos atrás de uma bola. É tanta gente que idolatra e enfatiza que a Seleção Brasileira bate um bolão. Eu ainda opino que os jogadores realmente batem um bolão, mas em outro sentido.

— Encontrei! — berrei outra vez, chamando a atenção de outras 15 pessoas.

Não demorei a definir que aquele seria o presente ideal. Bastou passar os olhos sobre o objeto que amei logo de cara. Repousava bem no fundo da prateleira, entre os pandeiros e as línguas de sogra. Era o último do estoque.

A Nanda veio correndo ver. Também achou lindinho e me incentivou a comprar. Usei todas as moedas de cinco centavos que fui juntando no cofrinho e, embora tenha ficado sem penteado novo, paguei pelo produto. Saí da loja com o negócio já embrulhado em papel celofane verde e amarelo.

— Tenho certeza de que ele vai gostar do seu presente, Olívia.

— Mas vou esperar ele entregar primeiro. Se ele me vier com flores, juro que só entrego o palito de dente.

Fernanda não riu do meu sarcasmo. Se bobear, nem entendeu.

Capítulo 2

Apenas no início do ano passado soube o que é ter amigos de verdade, desses em quem confiamos altos segredos e recebemos tamanhas confidências em troca. Até então, eu tinha somente colegas e conhecidos. A Nanda era do grupo dos colegas mais próximos e foi num bate-papo repentino que ela se tornou minha melhor amiga e arrastou o Ju com ela.

Era um início de manhã ensolarado até Nanda entrar na sala com uma expressão chuvosa. Uma nuvem negra não só pairava sobre sua cabeça como seu olhar de granizo

expressava que raios lhe atingiam internamente. Segurando-se para não desaguar, ela se sentou perto da janela, coincidentemente atrás de mim.

Fiquei espiando por cima do ombro para ver se o temperamento dela mudava, mas o tempo se manteve fechado para ela durante as duas primeiras aulas. Mesmo inexperiente no assunto amizade, arrisquei lhe perguntar se estava tudo bem e ela trovejou instantaneamente:

— Eu traí o Fábio.

Fabinho era o namorado de Nanda, dois anos mais velho, importado do sul, nascido do cruzamento entre um taxista e uma costureira. Eles já estavam juntos há nove meses e, depois desse período

equivalente a uma gestação, o relacionamento pariu a mesmice.

Rotina é uma coisa que lhe causa abominação. Nanda não estabelece horário fixo para dormir ou acordar; troca sempre de mão quando escova os dentes; a cada dia escolhe um novo caminho da casa até a escola. Há dois bons motivos para isso: coisas sempre iguais perdem a emoção e viver sem adrenalina não tem a menor graça; e repetições podem causar mal de Alzheimer no futuro.

— Meu namoro virou um vale-a-penaver-de-novo. Não há nada de espontâneo. Nem os beijos, nem os carinhos, nada.

Nem o sotaque sulista agradava mais. Mas Nanda ainda sentia algo por ele e não queria que o afeto entre os dois acabasse. Pelo

menos não do jeito que parecia que acabaria. Ela não se orgulhava por ter sido adúltera, ainda que de leve.

O erro começou quando, em meio à aula de História, Nanda voltou no tempo e se lembrou de uma banda dos anos 60, cantarolando baixinho a melodia de uma das músicas. O tchururum chamou a atenção do Ju que, sentado na carteira ao lado, rasgou um pedaço da última folha do caderno e escreveu:

“Eu tenho o CD dessa banda!”

Dobrou e jogou o papel. Nanda leu o sofisticado torpedo e respondeu na parte de trás:

“Sério? Sério mesmo? Eu sempre quis ouvi-lo!”

Depois disso não houve mais conversa manuscrita. Ju esperou o fim da aula para dizer, cara a cara, que emprestaria o CD caso ela quisesse. Adorando a ideia, disse que passaria na casa dele à tarde.

À tarde, ela passou na casa dele. E entrou. E foi ao quarto dele. Então, aconteceu.

— Ele me mostrou o CD e eu cheguei perto demais pra pegar. Tudo foi espontâneo. O beijo, os carinhos, tudo.

— Entendo.

Disse que entendia, mas não. Não entendia. Nenhum outro garoto havia me dado chance de viver algo parecido. Por isso o que eu disse logo em seguida foi totalmente improvisado.

— Eu vou falar com o Ju mais tarde — falar o quê ou como, eu não sabia — e você se decide se contará para o Fabinho o que aconteceu.

— Ficou louca? O Fabinho jamais poderá saber disso — desembuchou, deixando a histeria tomar conta de si. — Ele é todo sentimental, sofreria horrores com uma notícia dessas, você sabe.

Essa foi a primeira vez que a Nanda inseriu o famoso *você sabe* em uma conversa comigo. Apenas a primeira. Se soubesse que a mania continuaria, faria questão de contar vez por vez porque, quando chegasse ao número cem, poderíamos inventar o funk do *você sabe*; ao número quinhentos, organizar a festa do *você sabe*; e ao mil, decretaríamos um feriado: o Dia do *Você Sabe*.

No momento, a única coisa que eu realmente sabia era que uma grande confusão estava armada: a garota, que aparentemente se tornou minha melhor amiga de uma hora para a outra, havia traído o namorado, com o qual já estava há nove meses, com um colega de classe que, por acaso, era primo do ex-namorado dela.

Àquela tarde, conversei com o Júlio. Pela internet, é óbvio. Foi uma novidade falar com ele sobre algo que não tivesse relação à escola. Até então, ele era um colega mais afastado, apenas a aula de inglês nos unia. Éramos os únicos que gostavam dessa matéria, por isso acabávamos fazendo trabalhos juntos.

| A Nanda me contou o que aconteceu entre vocês. |

| Aff... Ela não gostou, foi isso? |

Estava numa enrascada. Se eu dissesse que ela não havia gostado, poderia chatear o garoto; se dissesse que sim, ela havia gostado, ele poderia interpretar de outra maneira.

| Ela ficou aborrecida com ela mesma, por causa do namoro. |

| Então, ela gostou? |

Ele insistia na pergunta e eu não vi outra escapatória a não ser afirmar e ao mesmo tempo tirar o corpo fora.

| Sim, mas isso não poderá se repetir. |

| O.k. |

O.k., para mim, tinha o significado de que a pessoa entendeu o recado e que

atenderá à ordem. Por isso fiquei satisfeita com minha astúcia de heroína e passei o resto do dia feliz comigo mesma.

A manhã seguinte chegou saltitante, como os carneirinhos noturnos que trazem nosso sono. Nanda também estava aos pulinhos quando chegou à escola.

— Eu falei com o Júlio ontem —
comuniquei antecipadamente.

— Ele me contou.

Olhei para o lado, espiei todos os cantos da sala, mas o Ju ainda não estava por lá. Naquele momento, não entendi como é que eles haviam entrado em contato um com o outro, porém, no instante seguinte, encontrei uma boa resposta: pela internet, é óbvio!

— Ele ligou para mim, querendo me encontrar na praça — ela contou, mostrando que eu estava enganada. — Chegando lá, ele me pediu perdão pelo que aconteceu e jogou toda a culpa para cima dele.

Quem salvou o dia? Quem é a heroína?, eu melodiava repetidas vezes em meu pensamento, gabando-me pela resolução de um problema amoroso.

— Então ele me fez enxergar a realidade.

— Que realidade?

— Comer apenas lasanha todos os dias enjoa e faz engordar. É bom saborear uma salada de alface de vez em quando. Além de ser uma alimentação mais *light* e saudável, não

impede que eu faça bom proveito da lasanha também.

Como heroína, eu notavelmente era uma droga.

— E você caiu no papinho dele?

— Ah... Você sabe.

O poder mais intenso do *voce sabe*: ele é capaz de resumir a descrição extensa do beijo extraconjugal ocorrido atrás de um coqueiro, ao lado de um pé de urtiga.

A consciência de Nanda, no entanto, pesou quando Fabinho foi a casa dela com um álbum de recordações de todos os momentos especiais que os dois haviam passado juntos. Era o presente de aniversário de um ano desde o primeiro beijo deles.

A verdade nunca veio à tona para Fabinho — Nanda achou que seria melhor assim — e nunca mais passou pela cabeça dela algo como ter qualquer tipo de afeto, além de amizade, com outro garoto que não fosse seu carinhosíssimo namorado.

Com isso, o moral do Ju ficou abalado. Crente de que receberia o título de *O Outro* em breve, viu essa classificação se distanciar subitamente e veio choramingar para mim, que de alguma forma já estava envolvida na história.

Começou com ele me chamando no programa de mensagens instantâneas diariamente, sempre alegando tristeza, baixo-astral ou algo similar. Minha missão era fazê-lo rir. Eu me dei essa missão.

Depois de um tempo, quando ele parou de desejar a mulher do próximo, eu é que desobedeci a um dos mandamentos bíblicos e passei a furtar. Frequentemente, furtava o tempo dele, contando alguma novidade ou compartilhando algumas histórias. Nessa, outra grande confusão se armou: eu me apaixonei.

Seguindo o ritmo acelerado de meu coração, eu chegava pertinho da tela do *smartphone* e me entregava inteira às conversas virtuais. Na sala de aula, mantinha meus olhos na direção dele e apreciava cada fio daquele sedutor cabelo loiro.

Uma tarde, do nada, ele fez um palimpsesto: perguntou se poderia me perguntar algo.

| Posso fazer uma pergunta meio pessoal? |

| Ai, ai, lá vem você. Pode, claro! |

| Bem... er... Você sente alguma coisa por mim... além de amizade? |

Não adiantava contrariar, a hora exata de desabafar meus verdadeiros sentimentos havia chegado. Gravei na mente a data e o horário que ficariam marcados como o momento em que me declarei ao Júlio: 20 de maio; 15 horas e 16 minutos.

| É... Não vou negar. Há algum tempo já vejo você como um garoto que poderia muito bem deixar o lugar de melhor amigo, pois se encaixaria perfeitamente no papel de ficante... ou até mesmo de namorado. |

Enviei logo em seguida a imagem de um rostinho envergonhado. Era exatamente como eu estava: as bochechas vermelhas, além do coração que parecia um sino de igreja desregulado, batendo intensivamente sem parar. A demora na resposta — *será que escrevi demais e ele achou cansativo ler tudo?* — quase me fez enviar um sinal de reticências, mas fui mais esperta e o interroguei.

| Você já percebia isso? |

| Sim. |

A resposta, dessa vez, veio rápida. Restava, todavia, que ele me dissesse que sentia o mesmo por mim, ou pelo menos que esclarecesse ou me ajudasse a esclarecer como ficaria nossa situação a partir de então. Por isso apelei à tática do *complete a frase*.

| E... |

| O quê? |

Ele demonstrava não entender o que eu queria que ele dissesse e isso estava me desapontando. Por isso me vi obrigada a forçar a situação.

| O que você tem a dizer sobre isso? Sente algo por mim também? Isso influenciará em alguma coisa a nossa amizade? Estou morrendo aqui... |

De fato, a morte estava próxima para mim, notava-se na minha face.

| Ah, não. Não gosto de você, mas tudo continua normal entre a gente. Só não vá me agarrar no meio da rua... Hehehe! |

Morte súbita. Além de ter meus sentimentos expostos e não ser correspondida, ainda precisei aturar uma piadinha desagradável. Ou eu que sou dramática demais ou ele que é sensível de menos.

Capítulo 3

A primeira vez que falei com o Júlio foi no desfile cívico de comemoração ao aniversário da cidade. Até então, ele era apenas o garoto cabeludo que estudava à tarde. Algumas vezes, eu o via chegar à escola, mas ele era só um qualquer no meio de tantos quaisquer.

Na época, Nanda namorava o primo dele, que estudava na sala ao lado da nossa e, por serem considerados o casal mais bonito da escola, estavam na frente e carregavam a faixa “We are the world. We are the children”.

O Júlio ficou logo atrás e para que seu par não lhe roubasse o brilho dos cachos dourados, me escolheram. Não posso negar que o contraste esquelética-desengonçada *versus* loiro-sedução ficou bem bacana na fotografia. Nós carregamos a faixa “Imagine all the people living life in peace”.

(Para que não fiquem dúvidas, o tema do desfile não era língua inglesa nem precisava abordar temas musicais clássicos. A inscrição nas faixas explicava unicamente que a professora de Arte era fã incondicional de Beatles e Michael Jackson, então encontrava uma forma de encaixá-los em tudo o que fazia).

O diálogo ficou entre os três: Loiro-Sedução, Primo do Loiro-Sedução e Miss Você Sabe, girando em torno de situações que

não vivi, e eu opinava com o silêncio. Meu isolamento, no entanto, foi quebrado com um riso após o comentário de Júlio:

— Caramba, Olívia! Como você é tagarela.

Foi uma fala irônica e não muito simpática, mas que me fez perceber que eu queria muito continuar ouvindo suas ironias antipáticas.

Ele voltou a conversar com os outros dois e eu voltei a me calar. Silêncio externo, porque uma canção latina tomou conta do meu interior e, até o fim do desfile, meu coração dançou o chá-chá-chá. Na primeira vez em que falei com o Júlio, não disse uma única palavra.

Nosso segundo encontro foi na viagem que a escola fez ao *Camping* Jandaia. Nesse dia, não havia Nanda, que teve outro compromisso, você sabe, nem namorado/primo para puxar papo com ele, e toda a atenção ficou voltada a mim. Embora houvesse várias outras pessoas no ônibus, fui eu que lhe pareci carismática. Provavelmente, tivesse um silêncio carismático.

Na ida, ficamos nos olhando. Apenas olhando. 6h30 era muito cedo para conversar, até mesmo sobre como era cedo. No *camping*, cada um tomou sua direção e nem nos esbarramos. Somente na volta é que, sentados lado a lado, conseguimos cruzar algumas palavras.

— Que frio!

— Que calor!

A oposição nos fez trocar de posição: eu me sentei no corredor, que estava mais quente, e ele se sentou na janela, onde o vento fazia o maior fuzuê.

— Costuma sentir calor sempre?

— Pior que sinto. E se não sentisse, assim mesmo usaria bermuda. Gosto do meu joelho.

Minha pergunta, ou a revelação de sua paixão pelo próprio joelho, ajudou a continuar o papo.

— E você sempre sente frio?

— Urrum. O que é bom, já que sou viciada em blusas de frio.

— Já foi para Jacutinga?

Então, da feira de malhas de Jacutinga até as geleiras da Groenlândia, passeamos o mundo real e o imaginário em nosso diálogo que só recebeu o ponto final no ponto de ônibus.

Outras viagens vieram, principalmente as viagens na maionese. Depois de seis meses, quando ele já tinha até pedido transferência para a minha sala, o Dia dos Namorados chegou, e ele me deu um travesseiro.

— Como não tenho namorada, nada melhor do que presentear a melhor amiga.

O travesseiro era fofo como ele, branquinho como ele e cheirava tão bem quanto ele. Nada melhor do que batizá-lo com o mesmo nome: Travesseiro Júlio. Mas, como era um objeto muito pequeno para um nome tão comprido, decidi encurtar para TJ.

TJ me fez companhia durante um ano, permitindo que eu o abraçasse e tivesse bons sonhos com o Júlio. E agora, num novo Dia dos Namorados, ele me serve como coletor de lágrimas.

Tudo começou quando estava voltando do shopping com a Nanda e com o embrulho. De repente, ouvi um *Soy loco por ti, América* e percebi que se tratava do toque do meu celular. Era uma chamada do Júlio, perguntando se poderia passar em casa. Respondi que sim, claro.

Em pouco menos de cinco minutos que eu havia chegado, ele estava tocando a campainha. Meu coração já estava aberto e só faltava eu abrir a porta. Em pé, o garoto loiro segurava um prato com vários docinhos caseiros.

— São para você!

— O que são: brigadeiros descoloridos ou beijinhos sem coco?

— São beijos de chocolate branco. É um doce novo que minha vizinha inventou. Segundo ela, são mágicos: você come e se sente mais feliz, pois eles fazem carinho no seu estômago.

Achei tudo muito criativo, tanto a ideia dele de me presentear com comida quanto a ideia da vizinha dele de inovar com uma metáfora culinária.

Peguei o prato das mãos dele e entreguei o embrulho verde-amarelo. Disse que aquele era o meu presente para ele. Ele fez cara de confuso, coisa com que já estou acostumada, e abriu o pacote.

— Uma almofada com a bandeira do Brasil.

— Na verdade, é um apoio para pés. Já que, no ano passado, você me deu algo para eu apoiar a cabeça, pensei que seria bacana se, este ano, eu desse... — o sorriso dele se fechou, e ele ficou cabisbaixo. — Ah, esquece, foi besteira minha, e você odiou.

— Não é isso. É que o que eu trouxe para você não é pelo Dia dos Namorados.

Eu não estava entendendo o que acontecia. Ele havia criado o ritual de dar presentes, mesmo estando solteiros, e ele próprio queria quebrá-lo.

— Lembra que eu disse que esses doces foram feitos pela minha vizinha? Vim aqui justamente para isso, para contar a novidade.

Ela, agora, é minha namorada. Não falei nada antes, mas já estávamos nos conhecendo há algum tempo...

A história que ele contava não me interessava. Estava decepcionada demais para ouvi-la. Queria jogar-lhe com ódio os beijos de chocolate branco, mas os doces não tinham culpa da situação. Segurei o choro para que ele não percebesse minha melancolia e dei os parabéns.

Ele agradeceu — a felicitação e o presente. Saiu, levando ambos e também minha alegria. Eu fiquei parada por um tempo, culpando-me por sustentar falsas esperanças.

Tentei ler uma página do dicionário, tentei escutar música colombiana, mas tudo estava sendo triste demais para que eu

processasse no meu pensamento. Parei com tudo e me rendi à normalidade: fui para o quarto, liguei para Nanda, dizendo que precisava dela, sentei na cama com o prato de doces no colo e abracei o travesseiro.

Enquanto ingeria doçura, comendo os beijos de chocolate branco, um a um, eliminava a amargura, chorando sobre o T.J. A fronha impermeável me impedia de secar as lágrimas e, portanto, atrapalhava o poder da pseudofelicidade causada pelo doce. Irritada, arremessei o travesseiro com tudo contra a parede. Para minha surpresa, ele voltou até meus braços.

Se ele estava enfeitiçado ou se estava tão acostumado comigo que não queria se desgrudar, eu não sabia, mas estava prestes a descobrir. Sem pensar muito, arranquei a

fronha e rasguei a parte costurada. Dentro do forro, muitas penas e, entre as penas, uma surpresa: um bumerangue, com seus 45 graus, totalmente sem motivo para estar ali.

Era como uma boneca-russa ou uma caixa-mágica, dessas que uma menor vai dentro de uma maior até que, no fim, se descobre que não existe nada. Fiquei pensando que talvez fosse algo que o Júlio quisesse me dar, mas, por pensar que eu acharia incomum — e realmente acharia — resolveu ocultá-lo em outro presente. Ou que ele estava personalizando o travesseiro de uma maneira que eu não pudesse abandoná-lo.

Então, tirei o bumerangue do travesseiro e reparei que, na superfície, havia algo escrito. A frase começava em uma asa e

terminava na outra: *Pode tentar me afastar de você... Mas sempre voltarei para minha melhor amiga.*

Nesse momento, Júlio me fez perceber que a vida é cheia de idas e vindas e que tê-lo como amigo para sempre talvez fosse muito melhor do que viver um romancezinho passageiro. Eu já vivia bem, e não precisava de nada mais.

Nanda chegou e estranhou minha alegria. Perguntou se eu estava passando por um transtorno bipolar.

— Estou bem, Nanda... Você sabe.

Diferente de mim, ela não sabia. Mesmo assim, ela se despreocupou e foi embora. Então, li alguns verbetes do dicionário, coloquei uma música da Shakira e fiz questão

de escrever esse dia, com caneta permanente,
na superfície do pensamento.

Obra produzida com exclusividade para a
Editora Jogo de Palavras, em agosto de 2018.